

Esquivel des.

EVORA.

Coelho gr.

EVORA, cidade famosa desde tempos remotos, no centro da provincia do Alemtejo, capital do districto e arcebispado do seu mesmo nome, está situada em terreno não mui elevado, porem eminente a uma dilatada campina de terras mui fertéis, a qual é por toda a parte rodeada de montes e serras; entre ellas sobressahem a leste a serra d'Ossa, que atravessa o Alemtejo de oriente a poente, ao sudoeste a de Portel, ao sul a de Viana, ao noroeste a de Montemuro, e todas subministram aguas com abundancia. Os contornos da cidade quasi se acham cultivados por seáras e algumas hortas; a menos de meia legua para o nascente começam as vinhas e olivaeas, entremeada a paisagem com varias quintas e casas, que fazem o sitio mui vistoso. Não só as serras que a rodeam fertilisam suas veigas com as aguas que derramam, mas tambem a defendem dos ventos impetuosos, que tanto incommodam nas grandes planicies; nas faldas e quebradas offerecem abundante pastagem aos muitos rebanhos de gado lanigero, que os habitantes mantem; nos vastos montados de sobreiros e azinheiras cevam-se numerosas varas de porcos, que vem abastecer a capital do reino, assim como de outras terras desta abundantissima provincia, que todas fornecem muita chacina, que se exporta para toda a parte, por neste preparo de carnes ser a de maior estimação e que melhor se conserva saã e saborosa. Alem disso não deixa de haver assaz criação de gado vacuum, e até do cavallar, de modo que deste ultimo se tem aproveitado por vezes a remonta da cavallaria do exercito. O districto d'Evora é em geral mui productivo; as terras de lavoura dão copiosas seáras, e colhe-se vinho, e bom azeite. O clima é de ordinario mais frio no inverno do que proporcional-

DEZEMBRO 28 — 1844.

mente deveria ser quente no verão. É terra de grosso trato, a que afluê por sua posição, e relações com Lisboa [de que dista vinte leguas] grande parte do commercio interno da provincia: possui boa casaria, edificios nobres, e alguns dignos de attenção; os vestigios de sua antiguidade romana, goda e arabe pereceram pela maxima parte. O aqueducto chamado *da prata*, attribuido a Sertorio, e que foi reedificado por D. João 3.º, perdeu provavelmente muito da sua primitiva fabrica. Julio Cesar, depois das suas campanhas na peninsula hispanica, concedeu a *Ebora* as honras de municipio sob o nome de *Liberalitas Julia*. Nesse periodo da dominação romana se edificaram nesta cidade templos notaveis; conhece-se nestes modernos tempos uma dessas construcções, a qual mostra ter sido obra mui perfeita, que julgam ter sido dedicada a Diana: outra construcção notavel é a torre quadrilatera, que vulgarmente denominam de Sertorio, por se attribuir a sua fundação áquelle illustre capitão. Estes dois edificios estão separados por uma extensão de doze toezas quasi nivelada, mostrando ser este espaço a corôa da collina, em que ambos estão assentados, porquanto o terreno declina para todos os lados. O que chamam — templo de Diana — appresenta um bello fragmento de architectura da ordem corinthia. Não se póde affirmar bem qual fosse o seu primeiro destino, nem se foi ou não ultimado. (\*) A sua planta offerecia um parallelogramo oblongo, de 32 pés de largo: um dos lados ainda conserva a cantaria no socco do entablamento inferior na extensão de setenta e dois pés geometri-

(\*) As seguintes informações a respeito destes antigos monumentos extrahimos das que nos ministrou o Sr. Francisco A. Lima pelos fins de 1839.



cos. — As peças d'architectura existentes são do lado occidental uma porção do entablamento inferior sobre o qual se elevam cinco columnas, formando quatro intercolumnios rotos, ligados tão sómente pela facha da architrave; dahi para cima não ha uma só peça que corresponda á ordem corinthia até a cornija, que devia ter; desde o socco até o plintho das columnas dez pés de altura com as divisões do pedestal corinthio: vê-se mais deste lado um resto de antiga argamaça, que com outros vestigios dá idéa de um tanque, donde poderia colligir-se que haveria ahí banhos, mas observado melhor vê-se que é trabalho mais moderno porque a argamaça cobre parte do entablamento, e talvez fosse feito quando já arruinado o edificio. O lanço septentrional corre todo no mesmo nivel de altura, com as columnas que lhe correspondem e cinco intercolumnios; parece que esta face seria o topo de toda a galeria; o entablamento inferior deste lado está em grande ruina, e parte entulhado; na altura do capitel da quarta columna, pegado á mesma, fica o alto muro do edificio da inquisição, e pena é que tire metade da vista a este magestoso lado: ha tambem desta parte um muro baixo na altura do entablamento, que servia de curral, quando da bella peça de architectura, de que fallámos, fizeram açougue publico, deturpando-a, como se lhe não bastassem as injurias do tempo e os estragos de barbaros. — A parte occidental conserva no mesmo nivel tres columnas, seguem mais duas até a altura da gola superior do fuste, faltando-lhes os capiteis, e adiante mais dois plinthos com as bases para outras columnas, seguindo as dimensões reguladas para os intercolumnios rotos. Este lado jaz escondido ao publico por estar encravado no quintal da casa da extincta inquisição, entulhado na altura de seis a oito pés, e bastante arruinado. — Ignora-se em que epocha, que pessoas, e para que applicação, sobre estes bellos fragmentos se levantaram toscas paredes de alvenaria, e igualmente foram entaipados os intercolumnios, abrindo na parede que ergueram na face meridional duas portadas ponteagudas ao estylo mourisco, e feitas de grosseiras e mal talladas pedras. Os plinthos com a base das columnas formam uma peça separada, e os capiteis outra, são de precioso marmore branco e lavrados com todo o primor da arte; os fustes são de granito ordinario, com a singularidade de cada um ser composto de sete peças; o entablamento e o mais que resta é do mesmo granito. — Ommittimos agora o que respeita aos outros edificios, por nos termos alargado ácerca deste; não faltando muitos em Evora mercedores de exame e memoria, sobresahindo a sé magnifica na parte mais superior da cidade, obra antiga de três naves, com grandioso frontispicio; a capella-mór é obra muito mais moderna, bem adornada exteriormente com pilastras doricadas, e interiormente revestida com marmores de varias côres; o quadro de altar-mór merece a approvação dos intelligentes.

A vista que appresentámos é tomada da parte da estrada de Lisboa, divisando-se extramuros o chariz do Rocio, rodeado de marcos, e o seu respectivo tanque; a porta correspondente á lameda, é tambem denominada do Rocio. No ponto mais alto e quasi no centro avulta a sé eborense; á direita desta cathedral apparece o zimbório do convento do Carmo, o edificio vasto que depois se lhe segue era o antigo castello, hoje quartel de cavallaria n.º, 5, a elle proximo, rematando a vista da casaria por

esta parte, está o antigo recolhimento da Piedade e Sr. da Pobreza.— Logo para a esquerda da sé fica o convento da Graça, obra d'antiga construcção onde se aquartelou a guarda de segurança, e que actualmente é occupado pelo destacamento de infantaria, descobre-se depois da casaria a igreja do convento de S. Francisco, agora freguezia de S. Pedro, finalmente vê-se para o mesmo lado o Trem, dependencia do Arsenal do exercito, que se reconhece por sua cupula pyramidal rematando na grimpá. — Ao Sr. Esquivel devemos este desenho, assim como ao nosso amigo, o Sr. J. F. Henriques Nogueira, o do Asylo, que tambem no presente n.º estampámos: a gravura de ambos é obra do Sr. J. M. Baptista Coelho, a perfeição com que está desempenhada é digna do maior louvor, mostra que podemos chegar onde alcançam os estrangeiros, e é mais uma prova do esmero e delicadeza do buril do Sr. Coelho, alem das que tem dado neste Jornal, no de Bellas-Artes, e na rica edição do Poema = o Ruy = que esta Sociedade deu á luz no presente anno.

#### PARALLELOS HISTORICOS.

##### *O imperador Carlos 5.º em Tunes, elrei D. Sebastião em Alcacerquibir.*

UMA das considerações que os homens deveriam sempre metter no calculo dos inconvenientes e vantagens de seus projectos antes d'emprehendê-los é a exaggeração e a injustiça dos juizos humanos. Se o desejado effeito se segue, se um leve incidente, um átomo do acaso decidiu o bom successo da empreza, vereis logo a turba d'elogiadores com sua nuvem d'applausos levantar até aos astros o incomensuravel merito do auctor, e encobrir assim com o estrondo de suas vozerias a modesta apreciação da prudencia e da sabedoria, que ás vezes descobre atravez do prestigio do resultado o principio vicioso, a inepecia, ou a temeridade do projecto. Se pelo contrario o negocio sahiu mal, se apezar dos mais fortes motivos e justificadas rasões, se depois mesmo d'empregadas todas as prevenções e preparativos do zelo e da intelligencia uma circumstancia imprevista malogrou a tentativa, ahí vem logo a censura e o vituperio indefectíveis, promptos, augmentar desapiedadamente as dores do infortunio; e vereis então que os azares da fortuna, os caprichos da sorte são logo convertidos em erros do executor.

Neste segundo caso está, quanto a nós, a desventurada expedição d'elrei D. Sebastião a Alcacerquibir: como foi infeliz, lá surgiu logo carrancudo e despeitoso o crime do máu successo cobrindo de labéus a magnanima ousadia do cavalleiroso monarcha, e saltando do successo á pessoa, apellidando este mancebo temerario, fanatico, e mal avisado, que por sua má cabeça e contra o parecer dos sensatos e prudentes levou com teimosa obstinação á morte e ao captiveiro seus melhores vassallos, e dispóz assim os pulsos da patria para as cadêas da servidão. E a historia, quasi sempre parcial destes iníquos juizos, se apressa a consignar nas suas paginas estes conceitos; e dahi um como caso julgado, de que mal se póde apellar. Para vermos verificada esta repugnante injustiça, esta fatal inversão de toda a boa philosophia e caridade christã no julgamento deste memoravel acontecimento, passe-



mos a coteja-lo com o seu paralelo, e achar-se-ha homogeneidade de motivos, igual debate nas consciencias, a mesma decisão affirmativa, igual actividade nos preparativos, a mesma felicidade dos primeiros encontros, não menor valentia na execução. Uma só circumstancia distinguuiu e dessemelhóu as duas expedições, . . . . . foi a felicidade do evento!

— Andando o imperador Carlos 5.º [escreve Francisco de Andrade na chronica d'elrei D. João 3.º] occupado no que cumpria ao bem e quietação de seus reinos e vassallos no anno de 1534, lhe chegou embaixador de Muley Hascem, rei que fôra de Tunes, a quem Hairedem Barbaroxa, famosissimo corsario daquelle tempo, tomára o reino por força d'armas, e o lançára fóra delle; pelo qual lhe mandava pedir soccorro para tornar a cobrar seu estado, offerecendo-lhe para isso o favor de muitos alarves, seus parentes e amigos, e algum dinheiro para pagamento dos soldados, e promettendo-lhe que perpetuamente lhe ficaria por vassallo. O embaixador soube representar tão bem perante o conselho quão importante cousa isto seria para a christandade, que o imperador ponderando as rasões com largo discurso e consideração, e achando-as com muito bom fundamento, movido primeiramente do zelo da religião christã, e apoz isso da sua natural clemencia e benignidade que o fazia haver compaixão daquelle miseravel rei que com tanta humildade se mettia em suas mãos, e lhe pedia o remedio de sua miseria, acceitou a empreza, e determinou d'entrar nella com sua propria pessoa, para o que mandou secretamente fazer prestes todos os navios rasteiros e d'alto bordo que se achassem nos portos de Hespanha, Genova, Napoles e Sicilia, e preparar muita quantidade de mantimentos, munições e machinas de guerra, e de todas as mais cousas necessarias para uma tamanha empreza, e mandou pedir a elrei seu cunhado [D. João 3.º] que nella o quizesse ajudar com uma armada de navios grossos e caravellas. E elrei logo em tendo seu recado mandou fazer prestes um grande e formoso galeão chamado S. João, tão afamado que o imperador lh'o mandára nomear particularmente, e duas grossas náus e vinte caravelas; e a capitania deu a Antonio de Saldanha o velho, que tantos serviços havia feito nas partes da India; o qual com a armada e o infante D. Luiz e muitos outros fidalgos aventureiros portuguezes se foi unir ao imperador em Barcelona. Iam em toda a armada, a fóra a gente de mar, 24:000 soldados entre velhos e bisonhos, de diversas nações, e 1:500 cavallos, os mil de fidalgos e senhores de diversas nações, e 500 ginetes hespanhoes. — Conquistada a Goleta houve alli diversos pareceres entre os senhores e capitães se passaria o imperador á conquista de Tunes ou se tornariam d'alli para Hespanha, havendo muitos a que parecia não devia lá passar; todavia prevaleceu o parecer do infante D. Luiz e do duque d'Alba para não deixar tão honrada empreza: e o imperador mandou passar ávante, vencendo com seu grande animo e prudencia muitas difficuldades que no caminho e na conquista se offereceram; fazendo emfim pôr em fugida Barbaroxa, tomou a cidade de Tunes e a entregou ao seu antigo rei Muley Hascem, que para isso levava consigo. — Vejamos agora do outro lado os motivos, rasões, preparativos, e demais circumstancias, e os leitores julguem, cotejadas as que deixamos apontadas com distinctos caracteres, e as que vamos a expôr, se o pezo dos

motivos, das conveniencias e das probabilidades não estava da parte d'elrei D. Sebastião.

Primeiramente é necessario recordar que o ultimo xarife ou rei de Fez anterior a esta contenda fôra Abdalá, o mesmo que teve sitiada a praça de Mazagão na meninice d'elrei D. Sebastião. Este xarife teve um filho e quatro irmãos; e para segurar o throno áquelle assentou desfazer-se destes, matou dois, e os outros escaparam-lhe, refugiando-se em Constantinopola. O mais velho dos quaes, Muley Melic, dito vulgarmente Moluco, homem de merito extraordinario, depois de haver feito grandes valentias e serviços a tres imperadores, Soleimão, Selim e Amurath, por espaço de 18 annos, obteve soccorros deste ultimo, e ajudado por 10:000 turcos avançou desde Argel até Marrocos, e vencido o sobrinho em batalha campal, facilmente se apoderou do reino e expulsou o legitimo possuidor, que teve de refugiar-se nas praças portuguezas d'Africa. Dahi mandou este um seu captivo, D. Antonio da Cunha, a elrei D. Sebastião a pedir-lhe soccorro para revindicar seu reino, offerecendo-lhe, como é natural em taes conjuncturas, as maiores vantagens para Portugal com a augmentação de praças e territorio em Africa. Ainda mais; um dos alcaides mais poderosos que seguira as partes do xarife deposto, mouro muito principal naquelle reino, Cid Abdelcherim, senhor de quatro praças, Alcacerquibir, Taleg, Arzila e Larache, mandou outro captivo, Bento Lopes, a elrei D. Sebastião, pondo as ditas praças desde logo á sua disposição se elle soccorresse e ajudasse seu senhor Muley Hamet.

Que faria neste caso o soberano portuguez? Depois de revolver no seu pensamento a proposta, que ninguem deixaria de achar tentadora, começou por sondar o parecer dos praticos; e destes aos ausentes escrevia consultando-os, apontando os fundamentos e rasões, mas deixando-lhes o arbitrio do conselho. Eis o extracto da carta que escreveu a João de Mendonça, velho e experimentado capitão, que havia sido governador da India, datada de Setubal em 24 d'abril de 1576: — Por cartas de D. Duarte de Menezes soube como Muley Moluco, tio do xarife, entrára em Fez com 8 ou 9:000 turcos por ordem e mandado do turco, desbaratára o xarife, e fôra recebido por rei e senhor de Fez. Por estas novas, e fiando de vossa prudencia, fareis aquelles discursos que convem, assim para o que eu devo fazer ácerca disso, como para o que ao diante possa succeder: a vinda destes turcos a Fez não podendo ser sómente para dar posse daquelle reino ao novo xarife, mas para o fazerem tributario e vassallo do turco, e o turco se fazer senhor de toda a Africa e de todos os portos de mar della, seria dos males o maior e sem remedio para toda a Hespanha e christandade. —

Já vemos pois que elrei D. Sebastião não torvou de repente, nem resolveu per si a solução do grande problema; consultou os praticos e experimentados nas cousas africanas: lá estava D. Duarte de Menezes, o famoso governador de Tangere, e os demais chefes portuguezes de nossas praças com quem se debateu e concertou o negocio.

E que mais fez? Convocou os prelados, os fidalgos e cavalleiros, aos quaes propóz a offerta do xarife, a oportunidade da conjunctura, a occasião de recuperar-se o perdido ou abandonado no governo anterior, Azamor, Arzila e Alcacerceguer, convertidas suas igrejas em mesquitas de mouros; e mais que tudo a necessidade d'affastar do estreito e



das costas portuguezas o poderio de turcos, representados na elevação do Moluco. E que disseram os conselheiros convocados? — Todos, diz a chronica, ao ver a alegria do semblante e a serenidade d' animo d'elrei, appoiaram unanimes, fazendo voluntaria oblação de suas pessoas, filhos, criados, e fazenda. — E quem eram esses homens que assim comprovavam e appoiavam o voto do soberano? Eram os duques de Bragança, de Barcellos, e o d'Aveiro, os bispos do Porto e Coimbra, quasi todos os fidalgos, só d'apellido Menezes lá foram seis a Africa, Freires d'Andrade o pai com quatro filhos, os Tavares, os Mascarenhas, os do conselho privado de elrei, e outros infinitos que quasi todos ou morreram ou ficaram captivos pelejando em volta do seu rei.

É verdade que Philippe 2.º, o cardeal rei e a veneranda rainha D. Catharina votavam contra; mas de que modo? diziam que não devia ir elrei em pessoa sem primeiro casar, sem segurar a successão do throno, e não diziam mal. Era isto diferir, e não condemnar, porque emfim a conveniencia da expedição era universalmente reconhecida. Lêam, se quizerem, os curiosos as memorias do tempo, e entre outros pareceres meditem seriamente nas razões expendidas por Pedro d'Alcaçova Carneiro, o homem d'estado daquelle tempo; e se poderem abstractir a dolorosa idéa da catastrophe e de suas consequencias, estamos certos em que votariam do mesmo modo. Mas nem o casamento foi regeitado, como inconsideradamente se diz, por elrei: pelo contrario era este negocio um dos artigos das vastas conferencias de Guadalupe, ao qual o soberano hespanhol com astuta, e certo maliciosa politica, pôz tambem dilatação. Haviam antecedentemente falhado os dois projectos de casar na casa d'Austria que o offereceu, e na de França com a princeza Margarida, que desposou o principe de Bearné: diferido ou trapaceado o d'Hespanha, que fazer? Viu-se já na historia das monarchias posposto um golpe d'estado, uma conjuntura fugaz d'uma grande utilidade publica e transcendente, pela consideração d'um casamento? Seria isso obstaculo perimente n'uma epocha em que os primeiros homens da monarchia pediam como mercê a elrei o armar á sua custa, e ir em pessoa a Africa tomar praças dos infieis? E que respondia elrei D. Sebastião ao embaixador hespanhol quando lhe propunha em nome da sua córte mandar alguém em seu lugar, provavelmente com invejas das glorias da empreza: — nada se fará, se eu não fôr; e isto o não digo por al senão por experiencia que tenho: neste particular não tenho dado um passo que não fosse provado e demonstrado por experiencia e discurso, pesada e encarecida sua importancia. — Havia elrei D. Sebastião já passado a primeira vez a Africa, tinha visto as cousas e os homens; e que as não via de leve o comprovam seus discursos que ahí andam impressos: e com a perspicacia do seu talento colligiu que nas grandes emprezas nada se faz sem a cabeça do mestre, sem a força e decisão da auctoridade suprema. O caso é que o proprio Philippe 2.º não teve que oppôr a esta razão, e mandou-lhe o auxilio convencionado: ainda mais, o famoso duque d'Alba, o grande homem de guerra daquelle tempo, enviou a elrei D. Sebastião, já em Africa, uma carta de bons conselhos militares e o capacete do imperador Carlos 5.º para o pôr no dia da batalha.

Emfim, decidida a jornada, tudo se apromptava com tal dedicação e boa vontade, concorriam a Lis-

boa tão guapas gentes, tão devotos e entusiastas aventureiros, promettia tudo um exercito tão numeroso e aguerrido que o proprio Muley Hamet, o interessado pretendente concebeu ciumes *receando não trabalhasse elrei para si em logar d'auxiliar*, e escreveu-lhe de Tangere a dizer que mandasse um de seus generaes. E quem ousaria duvidar do desejado evento? Muley Moluco temeroso pedia pazes, e mettia empenhos de Castella para alcançá-las; constavam suas crueldades e a aversão dos barberescos; elle mesmo ia deperecendo em forças envenenado por dois elches granadinos; as tropas turcas haviam sahido para Argel; e as forças de Barberia se suppunham de pouca e minguada confiança, reunidas á pressa de diferentes e remotissimos logares, muitas dellas abaladas pela popularidade do joven xarife deposto. Elrei D. Sebastião juntára, alem da flor dos cavalleiros portuguezes e das mais tropas que pode reunir, corpos auxiliares estrangeiros d'allemaes, italianos e hespanhoes, que todos pelejaram depois como bravos, e pela maior parte lá morreram. Tudo parecia conspirar com aspecto risonho e refalsado para a fatalidade que se seguiu, ostentando nesta occasião a fortuna todos os recursos de sua perfidia. A viagem foi feliz, o desembarque fez-se sem opposição a marcha até aos campos d'Alcacerquibir sem a menor resistencia; os soldados de Moluco não ousavam mostrar-se: uma batalha ganhada, era D. Sebastião arbitro de toda a Mauritania. Mas ahí estava perto o termo decretorio: a roda da fortuna começou então de desandar com estranha velocidade: os partidarios d'Hamet, que deviam apparecer aos milhares, não vieram; o rio Lucus que devia atravessar-se para ir a Larache, não dava váu; as munições de boca escaceavam, o sol dardejador da canicula africana atormentava nossos guerreiros; era forçoso apressar uma solução, bater-se, porque retirar na presença do inimigo seria vergonha, e talvez desbarate: o brio decidiu a marcha para diante, e o exercito sabiu da sua bella posição entre a ribeira Mocasim e um esteiro do rio Lucus. Travou-se o conflicto contra forças dez vezes maiores, e as tropas do Moluco ficaram firmes: prodigios de valor não poderam vencer a innumeravel mourisma, á testa da qual estava um grande cabo experiente. — E agora que faremos desta multidão? — dizia despeitoso a elrei D. Fernando Mascarenhas, vendo a batalha perdida. — *Fazei o que eu faço*, respondeu elrei; e dando d'esporas ao cavallo, acompanhado então só do conde de Vimioso, lá voou, e desapareceu no meio d'um remoinho d'inimigos.

J. da C. N. C.

#### R. ASYLO D'INVALIDOS EM RUNA.

Da importancia deste estabelecimento, devido á esclarecida munificencia e piedade de uma illustre princeza nossa, temos tratado a pag. 293 do nosso 1.º vol., reclamando das auctoridades superiores do estado as providencias que requer a mantença de tão vantajosa fundação. Ahí tambem commemorámos a generosidade e animo verdadeiramente benefico de S. M. I. a Sr.ª Duqueza de Bragança, que se constituiu voluntariamente Procuradora officiosa do asylo de Runa, (\*) concedendo-lhe alem disso um donativo annual de dois contos de réis.

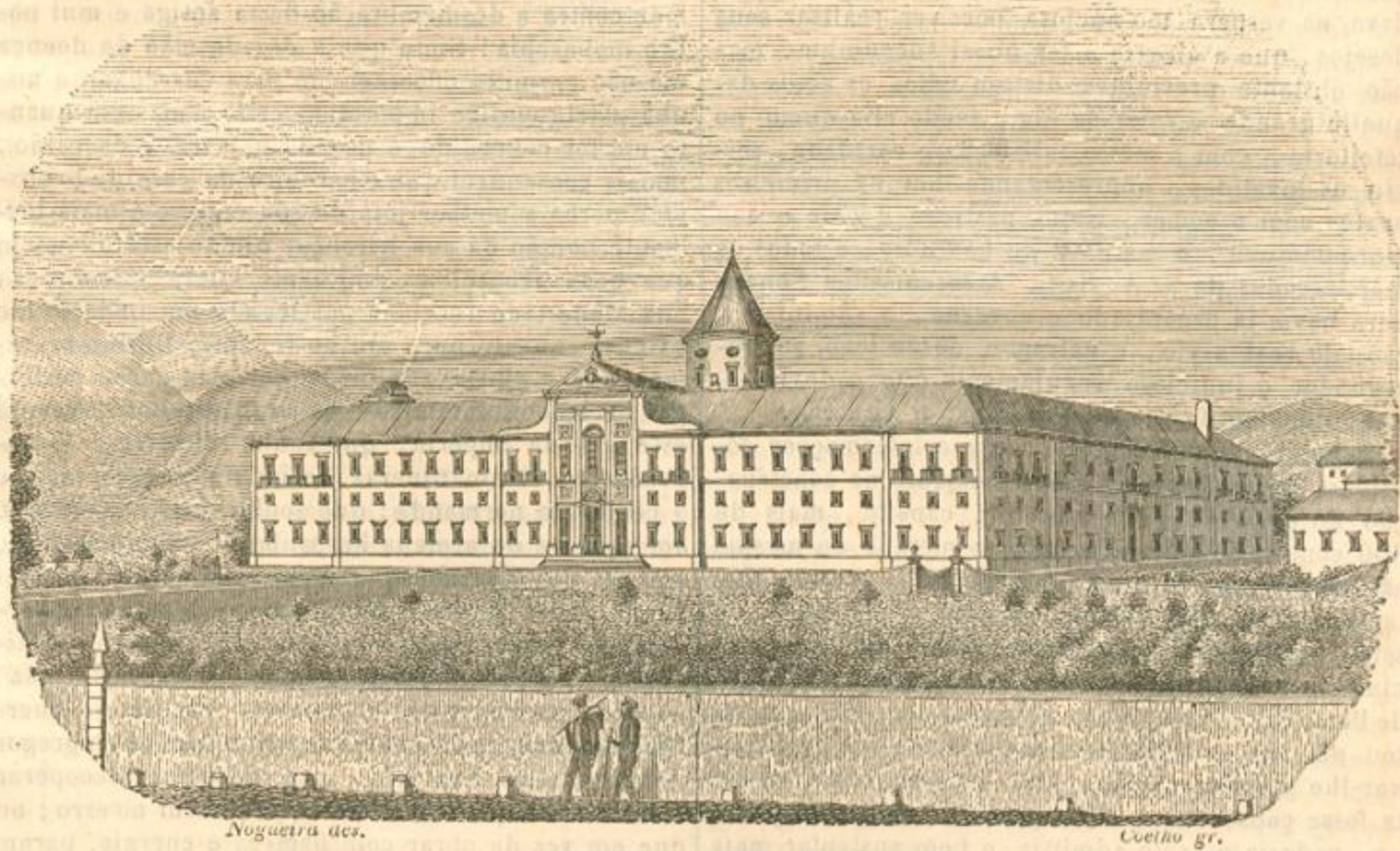
(\*) Vid. o Diário do Gov. n.º 152, de 24 de dezembro de 1834.



esmola permanente que tem sido a escora desta casa, depois que actos e leis concernentes á Fazenda publica lhe supprimiram a melhor parte de seus rendimentos; porque a lastimosa experiencia mostra o estado dos pagamentos de antigos titulos de divida publica, e alem disso o asylo perdeu [pelo decreto que aboliu os Dizimos] o seu mais pingue rendimento, que procedia da commenda de S. Thiago de Beduido, no Concelho d'Aveiro, bispado do Porto, que fôra adquirida pela excelsa Fundadora em troca de oito contos de réis de tença, que esta Serenissima Senhora recebia pela folha da alfandega grande de Lisboa, contrato confirmado pelo alvará de 19 de Janeiro de 1826, e sobre o qual appresentou uma exposição [impresa nos prelos deste Jornal] o benemerito e zeloso governador do asylo, o Sñr. Brigadeiro F. L. P. de Miranda Palha. E como ninguem nos podia comunicar melhores informações sobre a creação deste instituto, extrahiremos as seguintes noticias da primeira parte do sobredito papel. —

Bastantes portuguezes existem ainda que conbeceram a serenissima princeza a Senhora D. Maria Francisca Benedicta, irmã da rainha a Senhora D. Maria 1.<sup>a</sup>, e que foi casada com o principe, filho desta rainha, o Senhor D. José, em quem os portuguezes tiveram grandes esperanças, mas que uma morte não esperada levou da presente vida na mais juvenil idade. Ficando desta forma viuva a dita Serenissima Princeza, lembrou-se mandar fundar um monumento de caridade, e phylantropia, que serve de memoria eterna a suas raras qualidades, e considerando que seu Augusto Marido tinha uma paixão decisiva pelos militares, e que nenhum asylo havia em Portugal para esta briosa classe, decidiu mandar fazer á sua custa um edificio para nelle recolher, e sustentar aos que, depois de bem terem servido a patria, se impossibilitassem no mesmo serviço, e não tivessem meios decentes para a sua subsistencia.

Para dar pois principio a esta grande obra communicou seu plano a sua augusta irmã a rainha,



Nogueira des.

Coelho gr.

pedindo-lhe a competente approvação, a qual não só lhe foi dada, mas até Sua Magestade lhe offerceu o edificio da Luz, onde esteve o collegio militar, para alli estabelecer o seu Asylo, cujo offercimento não acceitou, por querer que a obra fosse toda, e puramente sua. Sendo portanto aconselhada, que junto a Runa, termo da villa de Torres Vedras, se pertendia vender a quinta denominada d'Alcobaça, e que nella poderia fundar este estabelecimento, mandou immediatamente comprala, o que se realisou em 11 d'agosto de 1790, comprando depois outras propriedades annexas, entrando a quinta de S. Miguel na Enchara do Bispo, as quaes, com as officinas que nellas mandou fazer, lhe importaram em mais de quarenta contos de réis. Foi por consequencia na dita quinta d'Alcobaça que a serenissima princeza mandou fundar o real asylo de invalidos militares, dando princi-

pio a esta heroica resolução no dia 18 de junho de 1792, a qual lhe foi confirmada por decreto de 25 de julho de 1802, e alvará de 27 do mesmo mez e anno. Principiaram a trabalhar na construcção deste famoso edificio mais de 300 operarios de todas as classes, e já antes da familia real portugueza emigrar para o Brasil em 1807, estava feita uma grande parte delle: mesmo do Brasil promoveu a serenissima princeza, com toda a força e desvelo, o augmento desta obra, e alem dos rendimentos de sua casa serem applicados para ella, mandou do Rio de Janeiro repetidas vezes avultadas sommas de dinheiro, o que, alem de constar por differentes modos, se acha escripto pela propria mão de Sua Alteza Real em um pequeno livro que existe no archivo do dito asylo. Quando a familia real voltou a este reino, em 1821, estava o edificio bastante adiantado, e desde logo ordenou a



serenissima Fundadora que se trabalhasse com toda a força para ultimar-se, e ter ainda o grande gosto de celebrar o dia da sua abertura, recolhendo militares invalidos. Com effeito, estando o edificio quasi prompto, foi visitado por elrei o Senhor D. João 6.º, que vindo das Caldas da Rainha, honrou aquelle estabelecimento com a sua presença. Sua Magestade ficou admirado da belleza e magnificencia do edificio, e voltando depois alli sómente para o ver, e bem examinar, disse logo á serenissima princeza, que havia gostado muito do seu asylo de Runa, e como seu protector que era, lhe pedia tratasse quanto antes da sua abertura, porque estava decidido a fazer tudo quanto em si estivesse para o augmento e prosperidade de tão phylantropico estabelecimento. Concluido o edificio destinou a serenissima Fundadora o dia 25 de julho de 1827, anniversario do seu nascimento, para ter logar aquella abertura, o que se effectuou recolhendo 16 militares invalidos, a saber: — 1 tenente de artilheria, 3 sargentos, e 12 cabos, ansepeçadas, e soldados. Este dia foi um dos de maior regozijo para S. A. Real, e o mais tocante para as pessoas que o presenciaram: completou então a augusta Fundadora os seus 81 annos de idade, e andava na vespera tão anciosa por ver realisar seus desejos, que a alegria a fez quasi succumbir, mas não obstante presidiu e dirigiu todos os actos daquelle grande e solemne dia, sendo ella quem no refeitorio, com a maior satisfação e caridade, serviu os invalidos, appresentando-lhes os primeiros pratos com o comer; o que praticou depois o seu mordomo-mór, o marquez de Lavradio, e todos os mais creados de S. A. Real. A serenissima Fundadora havia já organizado o governo, e administração do real asylo, e entregou desde logo ao governador o judicioso regulamento que o devia reger, debaixo da sua auctoridade, e direcção.

Segundo as differentes contas e informações colhidas, dispendeu S. A. Real sómente na construcção do edificio, e de sua rica capella, mais de 600 contos de réis, designando metade do mesmo edificio para palacio de sua habitação, e outra metade para quartéis dos empregados, e invalidos, de sorte que bem póde certificar-se ser este estabelecimento um dos mais bellos e magestosos edificios de Portugal. Como porem a despeza do edificio montou em tão avultada somma, não foi possivel deixar-lhe grande dotação; mas, apesar disso, se esta fosse conservada, como parece de rigorosa justiça, poderia o asylo admittir, e bem sustentar mais de 120 invalidos, com os precisos empregados.

Em 18 d'agosto de 1829 arrancou a Portugal a morte esta excelsa princeza, e alem dos bens designados em seu testamento para formar a dotação do real asylo, o declarou seu universal herdeiro, passando então a administração das rendas para o conselho administrativo, o qual, e todo o estabelecimento, é hoje dirigido e governado pelo Ministerio da Guerra, por ser esta a ultima vontade da Serenissima Princeza Fundadora. Consistia então a dotação do real asylo no seguinte: a commenda de S. Thiago de Beduido; uma apolice com vencimento de 5 por cento, do capital de 26:800 \$ 000 réis; um titulo de divida publica, sem vencimento, do capital de 11:999 \$ 960 réis; duas acções da companhia dos vinhos do Douro 800 \$ 000 réis; e as quintas de Runa, Enchara do Bispo, e d'Amora, com suas annexas, produzindo tudo isto naquella epocha o rendimento annual de 8:800 \$ 000 réis, pou-

co mais ou menos: alem deste dote ficaram bastantes e ricas alfaias pertencentes á capella do asylo, e algumas dividas activas, de cuja liquidação se tem tratado. —

#### BIOGRAPHIA DE GUILHERME PITT, CONDE DE CHATHAM.

(Concluido de pag. 406.)

A DISCUSSÃO começou viva e animada, e depois de Lord Weymouth haver combatido a proposta do duque de Richmond levantou-se o conde de Chatham, não sem grande difficuldade, ajudado pelos seus, largando então uma das muletas levantou a mão direita, e fitando os olhos ao céu, disse: — «Agradeço ao Todo Poderoso, que ainda me concedeu alento para hoje poder vir a este logar alevantar meu debil brado contra uma proposta que enche o meu coração de amargor. Ainda me é dado desempenhar este triste dever! Velho, curvo ao pezo de grave enfermidade — proximo ao sepulchro — deixei o leito da dôr para, talvez pela vez derradeira, fazer soar minha voz nesta sala. Exulto, senhores, que ainda tenho folego vivo para poder clamar contra a desmembração desta antiga e mui nobre monarchia! Sinto que a pezada mão da doença me não permita offerecer-me para coadjuvar a minha patria em tão importante crise; mas em quanto me fôr concedido o uso da palavra e da rasão, jámais consentirei que o herdeiro da casa de Brunswick perca a melhor joia da sua corôa, a mais brilhante porção da sua herança. Aonde está o homem que ousa aconselhar semelhante vileza? Senhores, Sua Magestade recebeu por legado um imperio tão extenso, quanto puro era no renome. Deslumbraremos nós a gloria adquirida por esta nação postergando ignominiosamente os seus direitos? Deverá este grande imperio, que soube sobreviver ás depredações dinamarquezas, ás incursões escocezas, e á conquista normanda; que soube resistir á invasão ameaçadora da armada hespanhola, cahir prostrado aos pés dos Bourbons? Deverá uma nação, que foi ha 17 annos o terror do universo, ajoelhar cobardemente perante o seu mais sigadal inimigo, e dizer-lhe — tomai o que possuimos, e dai-nos a paz! — Não, senhores, não é possivel! Não desejo guerrear ninguem: não cobiço o poder nem os empregos de quem quer que seja: mas não quizera cooperar com homens que sem emenda persistem no erro; ou que em vez de obrar com firmeza e energia, param entre duas opiniões desencontradas, quando estas não offerecem meio termo. Em nome do céu, se é de absoluta necessidade escolher entre a paz e a guerra, se a paz não se póde conservar com honra, por que rasão se vacilla em começar a guerra? Não nos faltam recursos, e elles sobrarão por certo quando se tratar de defender os nossos direitos. Tudo é preferivel á deshonor. Façamos ao menos um esforço sequer; e se tivermos que ceder ao pezo das circumstancias, cedamos sim, porem cedamos como homens!»

Este discurso, de que damos sómente o epilogo, foi ouvido com religioso silencio, e a elle respondeu o duque de Richmond (\*) com bastante acri-

(\*) Duas publicações semanaes, uma franceza, outra hespanhola, que temos diante de nós, asseveram que Mr. Pitt sustentára o reconhecimento da independencia americana. Ambas laboram em um engano historico, o que facilmente se conhecerá consultando a historia do Parlamento, ou a historia ingleza de Adolphus.



monia; porem quando o conde de Chatham ia replicar desmaiou e cabiu nos braços do duque de Cumberland e de Lord Temple que estavam sentados a seu lado. A vida do grande estadista parecia extincta, e todos os pares á porfia procuravam ministrar-lhe soccorros. O Lord chancellor levantou a sessão, e tornando a si o conde de Chatham o transportaram para sua casa. No dia seguinte foi removido, a rogo seu, para a casa de campo que tinha em Hayes, aonde no ultimo estado de debilidade conservou alentos vitales até ao dia 12 de maio, em que expirou, contando 70 annos de idade.

Fizemos nesta biographia menção das qualidades eminentes que Lord Chatham possuía como homem de estado, e não esquecemos tão pouco os seus defeitos; como orador ninguem o igualou durante o periodo da sua carreira parlamentar; e pelo que respeita á sua vida moral repetiremos as palavras de Lord Chesterfield: — «Nenhum vicio manchou o seu character, nem durante a sua vida consta que commettesse a menor acção baixa ou vil.» — No seu trato era altivo, insoffrido, custava-lhe a tolerar a menor contradicção, e amiudadas vezes fazia sentir aos outros a superioridade dos seus talentos. O seu desinteresse e a sua probidade não podem ser excedidos: tão pobre morreu que o parlamento votou uma somma para o seu enterro, que teve logar na abbadia de Westminster onde jaz, e outra para serem pagas as suas dividas. Subsequentemente a camara dos commons decretou uma pensão annual de quatro mil libras sterlingas para que seu filho e herdeiro podesse manter com decencia o titulo que herdára. Não consta que Lord Chatham deixasse producção alguma litteraria, apenas appareceram ultimamente algumas cartas familiares dirigidas a um sobrinho seu, as quaes não tem outro merito mais que a simplicidade do estylo, e a prudencia dos bons conselhos que nellas se encontram.

QUESTÕES ESTADISTICAS ACERCA DE PORTUGAL, COM AS RESPOSTAS DO CONSELHEIRO MINISTRO D'ESTADO HONORARIO JOSÉ XAVIER MOUSINHO DA SILVEIRA.

#### 1.ª Questão.

*Portugal poderia sustentar o dôbro da população actual? Mais ou menos?*

#### Resposta.

CREIO que no continente pôde sustentar alem do dôbro da povoação actual, que é de tres milhões, numero redondo. Digo isto no sentido da capacidade que considero na terra portugueza de produzir subsistencias em quantidade sufficiente para alimentar oito milhões de habitantes.

Os fundamentos que para isso tenho são os seguintes, a saber: 1.º porque já agora vai sobrando tudo, apezar do systema vicioso dos alqueives que se acabasse só por isso dobraria a capacidade de produzir; 2.º porque não existem as pescarias que podem existir, quando forem melhoradas as estradas a ponto de poderem andar por ellas carros de mulas as oito leguas por dia que hoje andam as récuas de béstas, sendo certo que um carro pôde conduzir tudo por menos da metade do preço que se paga á récu; porquanto um carro levado por duas béstas conduz pelo menos quarenta arrobas, quan-

do uma récu de quatro béstas só pôde conduzir trinta e duas arrobas. — 3.º porque crescendo o numero dos homens e dos animaes, e augmentando-se a quantidade dos estrumes, o resultado seria um augmento proporcional das subsistencias e da população. — 4.º porque consagrando-se o respeito devido ás leis se diminuiria o numero dos animaes daninhos, e o dos ladrões, pois eu conheço muitos productos que poderiam ser vendidos por metade do preço actual, se os productores podessem ser garantidos contra a invasão de ladrões e animaes, sem a despesa de muros, guardas, e cães. — 5.º porque se podem introduzir melhores instrumentos de trabalho, e aperfeçoar os respectivos productos.

A difficuldade portanto não está na falta de capacidade do paiz para produzir as indigenas subsistencias necessarias para sustentar oito milhões de habitantes e assegurar o progresso da população até chegar ao maximo possivel. Em ponto de facto essa relação existe sempre, mas não é menos verdade que ás vezes a população tende a crescer, e não o consegue por falta de meios de subsistencia; e outras vezes sendo facil augmentar-se a subsistencia não é possivel augmentar-se a população. Isto porem não procede de faltarem as forças prolificas, mas sim aquella harmonia e ordem de cousas em que cada um quando adulto é causa da sua propria subsistencia, e da subsistencia da sua prole na idade inferior a sete annos. Ás vezes sobram certos meios de sustentar a vida em quanto faltam outros tambem necessarios, sem que as faltas de uns possam ser compensadas pelas sobras de outros, e então torna-se inutil o que sobra por falta de consumo, e não se alcança o que falta por não haver modo d'exportar e d'importar.

Para elevar a população e a producção ao mesmo tempo e progressivamente até ao ponto a que pôde chegar é necessaria uma legislação completa, e que o paiz seja ao mesmo tempo cultivador, manufactor ao menos de artefactos de consumo geral, e commerciante. Se o povo for cultivador unicamente, não só não pôde chegar a um tal estado completo de agricultura, mas de modo nenhum pôde conter o numero de habitantes a que chegam os paizes que são ao mesmo tempo cultivadores, manufactores e commerciantes, se elles estabelecem uma grande liberdade de commercio de modo que sejam ao mesmo tempo exportadores e importadores. A natureza deu a uns vantagens que negou a outros, e todos podem chegar ao maximo bem possivel sem que algum padeça pelo adiantamento da civilisação do outro, antes todos participarão do adiantamento daquelle que estabelecer a liberdade commercial sem mistura de algum vicio de egoismo, porque esse vicio offende a todos começando por aquelle mesmo que quer fazer mal aos outros.

Se Portugal chegasse ao estado de agricultor, manufactor, e commerciante em maxima perfeição, e tivesse uma população de oito milhões, posto que o seu consumo em vinho, cereaes, fructas, sal e azeite havia de ser ainda mais do que proporcionalmente maior, nem por isso deixaria de poder exportar todas essas cousas em maior quantidade do que o pôde fazer agora, e mesmo é provavel que podesse exportar e importar com vantagem por preços menores. Ainda que provavelmente havia d'importar muito maior somma de manufacturas, nem por isso fabricaria menos do que fabrica actualmente. Cresceria a producção e a importação do linho; cresceriam as pescarias e a importação do peixe,



mas o resultado para todos e para cada um seria o augmento da população, e da producção.

Outro exemplo. Se Portugal tivesse manufacturas sufficientes para o consumo ordinario de seus habitantes, seria elle menor importador de outras manufacturas? Não viriam baetas; mas viriam pannos finos. Não viriam tecidos de linho, ou de algodão para o povo; mas viriam cambraias, e veludos em quantidade superior. O que importa é calcular o que entra com as contribuições existentes; e o que se produz, apezar dos obstaculos do governo, e o que se produziria senão fossem aquelles obstaculos. Deus nos livre da continuação do mal, que o paiz tem padecido por não mandar vir para o litoral o que no interior custava menos do que custava na origem o mesmo objecto nos paizes que o exportavam para o litoral de Portugal. A carne, os feijões, as batatas, e mesmo o trigo foram exemplos disto, quando a carne ingleza pagava em Lisboa quinze por cento, e a portugueza trinta por cento — as batatas quando inglezas quinze por cento, quando portuguezas trinta por cento, e assim em outros objectos como manufacturas, queijo, manteiga &c.

Hoje mesmo não valem em Lisboa o preço do frete certas cousas em que abundam as provincias, e por isso não se cultivam senão para consumo dos vizinhos.

No artigo estradas e transportes, o progresso não é tão activo como cumpria, e o bem das estradas e dos transportes só por si era razão sufficiente para fundar o juizo que emittimos ácerca do grande augmento possivel. Haja estradas e meios de transportes, e mil cousas que Lisboa recebe do estrangeiro sahirão de Lisboa para o estrangeiro.

(Continuar-se-ha).

## Bibliographia.

OBRA PUBLICADA PELA SOCIEDADE EDITORA  
DESTE JORNAL.

**RUY O ESCUDEIRO.** *Conto*: pelo Sr. LUIZ DA SILVA MOURINHO D'ALBUQUERQUE. 1 vol. 8.º maximo francez. — O illustre auctor desta composição metrica em seis cantos é bastante conhecido e louvado assim por seus escriptos scientificos, como pelo gosto com que cultiva a poesia patria, de que é testemunho concludente o poema didactico e original, que intitulou «GEORGICAS PORTUGUEZAS» assaz lido e apreciado, porque nelle se casam as flores do Parnaso com a utilidade dos preceitos. Nova demonstração do seu talento litterario é a presente obra, sobre a qual muito disseramos, se não conhecessemos a nossa insufficiencia para contrastes neste genero, e tambem o não vedasse a qualidade de editores. Porém esta ultima circumstancia não impede que lembremos as diligencias empregadas para que esta publicação fosse um monumento dos progressos da typographia portugueza nestes ultimos annos, e que ao mesmo passo mostrasse a perfeição a que se tem elevado tambem entre nós a gravura em madeira, como no principio do presente n.º commemorámos. As tarjas e letras capitaes á frente de cada um dos cantos, e as vinhetas ou illustrações [como agora lhes chamam] allusivas ao texto, abonam o nosso dito. Destas a primeira representa a solitaria ermita, para onde Pedro Affonso, prole do grande D. Affonso Henriques, se encaminhava com seu escudeiro, ahi se vê ante a cruz ajoelhado o ermitão, que os dois procuravam: na segunda vê-se o encon-

tro de Fatima, linda filha do mouro alcaide de Leiria, com o escudeiro Ruy, depois da assolação da tomada da cidade, e d'entrada o castello pelos christãos: na do 3.º canto está Ruy, perdida Fatima, implorando o romeiro, portador de um recado, para delle alcançar mais claras informações: a do 4.º é a apparição do ermita, reprehendendo a Ruy por seus amores, quando este acabava de recobrar Fatima: na seguinte; novo encontro da formosa filha de Hauzeri com o cavalleiro, mutua revelação d'affectos: finalmente, na ultima, morte de Fatima, e antes que expire e a pedido della Ruy a baptiza com a agua tomada no capacete. Todas delineou o lapis elegante do Sr. Bordalo, e gravou com sua costumada pericia o Sr. Coelho. — O papel é consistente, superfino em qualidade e assetinado pela prensa hydraulica: o typo novo no character e na fundição. Tudo concorre para que este livro tão nitidamente estampado, possa servir para os presentes de boas festas por principio d'anno, que se usam em França, onde os denominam *étrennes*, a que nossos antepassados chamavam *janeiras*, e *boas estreas*; costume demonstrador d'affecto e boa amizade, que não deve perder-se.

OBRAS DADAS Á LUZ POR SEUS AA.

**EURICO O PRESBYTERO:** 1.º da collecção de romances originaes — o MONASTICON — pelo Sr. ALEXANDRE HERCULANO. 1 vol. de 8.º, de 322 pag. compactas, em typo igual ao da obra acima annunciada, em bom papel: impresso na typographia do presente Jornal. — Os escriptos do Sr. HERCULANO tem contribuido principalmente para o credito e voga do Panorama desde o seu começo: eis portanto uma circumstancia para calar louvores; não precisa porem de nossos elogios auctor por todos os amantes e cultores das letras applaudido.

**O VINHATEIRO:** obra em que se trata da cultura da vinha, e da fabricação, conservação e distillação do vinho; pelo Sr. FRANCISCO IGNACIO PEREIRA RUBIÃO. — Distribue-se aos quadernos, é impressa no Porto, e tomam-se as assignaturas em Lisboa na loja da Viuva Henriques, R. Augusta n.º 1. —

O auctor, por muitos titulos credor á estimação dos agricultores portuguezes, possui todos os conhecimentos theoreticos e praticos para appresentar o melhor trabalho sobre a materia que trata, já pelo seu saber nas sciencias naturaes, já pela experiencia adquirida como proprietario, e pelas observações e comparações feitas em suas viagens. Crêmos fixamente que desta vez teremos um livro completo e seguro sobre um dos principaes ramos da nossa agricultura e commercio.

**BIBLIOTHECA DO CHRISTÃO.** — Sob este titulo se publica uma collecção de livros, dirigida por uma Sociedade animada d'espírito e intenções de verdadeira civilisação, que sempre tem nascido do seio do christianismo. As obras, que já tem sabido, são — O tratado da existencia de Deus — pelo virtuoso, sabio e elegante auctor do «Telemaco» — A exposição do dogma da Fé catholica — por Mr. de Genoude — A reimpressão do affectuoso livro — Introducção á vida devota — pelo preclarissimo bispo de Genebra, S. Francisco de Sales: a traducção adoptada para esta edição novissima é do principio do seculo passado, e pura na dicção portugueza. — Em summa, a Bibliotheca do Christão, accessivel ás familias pelo diminuto preço dos volumes, estampados em character legivel, é um serviço prestado á moral publica e ao catholicismo.



AOS SENHORES ASSIGNANTES DO PANORAMA.

**T**endo successivamente diminuido nestes ultimos annos as assignaturas deste Jornal, não sendo já sufficientes para o costeio das onerosas despesas, necessarias para o manter em a nitidez typographica e mais circumstancias que o igualaram aos melhores estrangeiros, que no seu genero se tem publicado, e muitos dos quaes tem igualmente findado; a Direcção, encarregada de administrar os negocios da Sociedade editora, viu-se na precisa obrigação de convocar a Assembleia Geral dos Snr.<sup>os</sup> Accionistas, porquanto os Estatutos determinavam a publicação de um Jornal litterario. Finalmente, a Assembleia Geral em sessão de 23 do corrente Dezembro decidiu que cessasse a continuação do Panorama, em rasão dos motivos acima expendidos. —

A Direcção julgou do seu dever prevenir desta suspensão os Snr.<sup>os</sup> Assignantes, que constantemente concorreram para a conservação do Jornal, e assim o faz patente por este annuncio, tributando por esta occasião os merecidos agradecimentos aos mesmos Snr.<sup>os</sup> que tão zelosos se mostraram da illustração popular e amantes e fautores da litteratura portugueza.

Lisboa 30 de Dezembro de 1844.



No Escriptorio da Sociedade: Largo do Pelourinho n.º 24 — 1.º andar continuam a vender-se collecções completas do Jornal e as obras publicadas pela mesma Sociedade pelos preços seguintes: —

O PANORAMA: Jornal litterario e instructivo. — 1. <sup>a</sup> Serie: 5 volumes. Collecção completa, em papel. . . . .	6:190
2. <sup>a</sup> Serie: 3 vol. . . . .	3:975
Chronica do Cardeal Rei D. Henrique, e Vida do Secretario d'Estado, Miguel de Moura, com annotações — 1 vol. 8.º fr. . . . .	300
Memoria historica e descriptiva do Mosteiro de Belem, com um glossario de varios termos respectivos principalmente á architectura gothica. — 8.º fr. com uma estampa. . . . .	200
Reflexões sobre a Lingua Portugueza: obra inédita de Candido Lusitano, publicada com annotações — 3 vol. 8.º fr. . . . .	900
Relação da viagem da India, que fez por terra para Portugal o Padre Manuel Godinho — 1 vol. 8.º fr. . . . .	400
Cathecismo de Noções Geraes explicadas á primeira infancia. Publicado para uso das creanças em Portugal, nas provincias ultramarinas e no Brasil. — broch. . . . .	120

OBRA QUE SE ACHA Á VENDA POR CONTA DA SOCIEDADE.

Classificação geral da Legislação Portugueza desde a publicação doCodigo Philippino até á data, dividida em Reinados, Ramos Legislativos, materias, e artigos, com varias notas e observações — 1 vol. 4.º port. . . . .	480
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----

EDIÇÃO MUI NITIDA, DADA Á LUZ PELA SOCIEDADE.

Ruy o Escudeiro: Conto: pelo Ex. <sup>mo</sup> Sñr. L. da Silva Mousinho d'Albuquerque. 8.º maximo francez com vinhetas allegoricas ao texto, e tarjas; papel superfino . . . . .	600
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----